

ANÁLISE DE CITAÇÕES EM ARTIGOS CIENTÍFICOS DA ÁREA DE LETRAS

Ananias Agostinho da Silva¹
Francisco Vieira da Silva²

RESUMO: Neste artigo, pretendemos analisar os tipos de citações mobilizadas por pesquisadores iniciantes (alunos de graduação) e pesquisadores experientes (doutores) em textos acadêmico-científicos da área de Letras, mais especificamente em artigos científicos publicados em periódicos certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Para tanto, nossa investigação foi norteadada pela classificação de Swales (1990), que distingue dois tipos de citações: *citação integral* e *citação não-integral*. Ademais, também nos fundamentamos em trabalhos de Ivanič (1998) e Hyland (2000) sobre produção de textos acadêmicos. Os resultados da análise empreendida demonstraram que enquanto os pesquisadores iniciantes recorrem com mais frequência ao uso de citações integrais, os pesquisadores especialistas preferem citar o discurso alheio a partir de citações não-integrais, o que pode ser justificado pela posição assumida por cada um desses sujeitos (iniciante-especialista).

PALAVRAS-CHAVE: Artigo científico; Citação; Pesquisadores iniciantes; Pesquisadores especialistas.

ABSTRACT: In this article, we analyze the types of citations mobilized for beginning researchers (graduate students) and experienced researchers (PhD) in academic texts and scientific area of Literature, specifically in scientific articles published in journals certified by the National Development Council scientific and Technological Development (CNPq). Therefore, our research was guided by the classification of Swales (1990), which distinguishes between two types of citations: Citation integral and non-integral citation. Moreover, we have considered also in jobs Ivanic (1998) and Hyland (2000) on the production of academic texts. The results of this analysis showed that while researchers beginners resort more frequently to the use of integral citations, researchers specialists prefer to quote the speech of others from non-integral citations, which can be justified by the position taken by each subject (beginnerexpert).

KEYWORDS: Scientific article; Citation; Researchers beginners; Researchers specialists.

¹ Doutorando em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Membro do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino do Texto (GPET) da UERN, *Campus* de Pau dos Ferros, RN, Brasil. *Email:* ananiasgpet@yahoo.com.br.

² Doutorando em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFRN). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: franciscovieiraricacho@hotmail.com.

1. Considerações iniciais

Há algum tempo, pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Produção e Ensino de Texto (GPET), do Departamento de Letras, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), têm se empenhado seriamente em investigar questões relacionadas à inserção ou à referência ao discurso do outro (discurso alheio, discurso relatado ou discurso referido) em textos acadêmico-científicos, como relatórios de estágio, monografias de conclusão de curso, artigos científicos, dentre outros, sob a ótica de estudos enunciativos, inspirados, principalmente, no dialogismo bakhtiniano e na análise de discurso. De um modo geral, as investigações desses pesquisadores procuram explorar aspectos como os modos de citar mobilizados, as formas de introduzir e de retomar o discurso citado, como se estabelece a negociação de sentido entre discurso citado e discurso citante, as formas de parafrasear, dentre outras.

Conforme apontou Bessa (2011) recentemente em um de seus trabalhos, das reflexões resultantes dos estudos do grupo emerge a convicção de que é pertinente e necessário investir mais em pesquisas que deem conta da complexidade que recobre o uso da citação na escrita de textos acadêmico-científicos escritos, por exemplo, por pesquisadores de diferentes estágios de formação acadêmica. Compreender como estes recorrem ao discurso do outro na tessitura dos seus textos é fundamental para se repensar o ensino de texto na academia, em especial no que diz respeito ao ensino de convenções inerentes à referência ao discurso alheio, o que parece ser uma exigência na produção de qualquer texto acadêmico, pensando possibilidades de ensino que vão além dos aspectos meramente técnicos dos manuais de redação científica.

Corroborando com esta proposição, nosso interesse, neste trabalho, é analisar os tipos de citações realizadas por pesquisadores iniciantes (alunos de graduação) e pesquisadores experientes (doutores) em textos acadêmico-científicos da área de Letras, mais especificamente em artigos científicos publicados em periódicos certificados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq): *Ao pé da letra*, que publica artigos ou ensaios de alunos de graduação em Letras de todo o Brasil, e *DELTA (Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada)*, que publica artigos de pesquisadores especialistas na área de Letras. Esses dois periódicos estão disponíveis *on-line* em sítios eletrônicos para consulta, o que facilitou a coleta do *corpus* de nossa investigação.

De cada uma dessas revistas, selecionamos cinco artigos publicados no primeiro semestre de 2012, totalizando, portanto, dez artigos, um número representativo, considerando que, em cada semestre, as revistas publicam em torno de dez a quinze artigos. Como critério de seleção do *corpus*, optamos pelos textos que discorressem sobre questões de produção, análise e ensino de textos, ou ainda de análise de discursos, o que, de certo modo, nos ajudou a compreender melhor as ideias lá expostas, tendo em vista a afinidade com a área de estudos. Além disso, dos dez artigos selecionados, recortamos para análise somente a seção de discussão ou revisão teórica, por ser a parte em que mais se evidencia o diálogo do autor do artigo com os autores da área a que sua pesquisa se vincula, conforme verificou Bessa (2011) em pesquisas anteriores.

Para análise dos artigos selecionados, nossa investigação foi norteadada pela classificação de Swales (1990), que distingue dois tipos de citações: *citação integral* e *citação não-integral*. Além disso, também nos fundamentamos em trabalhos de Ivanič (1998) e Hyland (2000) sobre as especificidades dos textos produzidos no universo acadêmico, que, orientados pela perspectiva sociorretórica de Swales e Bhatia, compreendem esses textos como gêneros discursivos definidos por propósitos, papéis e relações sociais estabelecidos por determinado grupo social – composto por pesquisadores iniciantes (ou *membros novatos*) e pesquisadores experientes (ou *membros expertos*, na terminologia desses autores). Assim, orientando-se por perspectiva teórica diferente daquelas que fundamentaram as pesquisas desenvolvidas até agora no GPET, pretendemos contribuir com os estudos desenvolvidos neste grupo, apresentando uma nova perspectiva de investigação sobre a citação em textos acadêmico-científicos, que se somará às conclusões já alcançadas pelos pesquisadores gepetanos, no sentido de construir uma compreensão mais ampla sobre a questão.

Por fim, as discussões teóricas e metodológicas e o trabalho de análise dos dados aqui construídos conferiram a este artigo uma organização retórica que se estrutura em duas partes principais. Na primeira, realizamos uma revisão teórica, na qual apresentamos a noção de gênero de discurso em uma perspectiva sociorretórica (SWALES, 1990 & BHATIA, 2004) e, mesmo que sucintamente, refletimos sobre as especificidades da produção do texto acadêmico-científico, bem como sobre o recurso a citação nesse tipo de texto. Na segunda parte, debruçamo-nos sobre a análise dos dados coletados na pesquisa sob a ótica das teorias aqui apresentadas e, por fim, realizamos algumas considerações sobre os resultados obtidos.

2. A noção de gênero do discurso em uma perspectiva sociorretórica

A abordagem sociorretórica de gênero de caráter etnográfico, defendida principalmente por Swales (1990) e Bhatia (2004), tem direcionado sua atenção aos estudos a contextos acadêmicos e profissionais de uso da linguagem. Na perspectiva defendida por esses autores, o texto deve ser visto e compreendido em seu contexto, porque não pode ser completamente entendido e interpretado unicamente por meio de uma análise de elementos puramente linguísticos.

Partindo desse pressuposto basilar e consensual, Swales (1990, p. 33) propõe uma definição própria para a noção de gêneros do discurso: “Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos membros compartilham os mesmos propósitos comunicativos”. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros especialistas (experientes) da comunidade discursiva de origem e, portanto, constituem o conjunto de razões para a existência do gênero. A comunidade discursiva, por sua vez, compreende um grupo de pessoas que utilizam mecanismos de comunicação específicos e que possuem alguns objetivos ou propósitos em comum. Ainda segundo o autor, essa comunidade se caracteriza pela utilização de gêneros do discurso e de léxico específicos,

e pela presença de membros que trabalham usualmente ou profissionalmente com um determinado gênero e que, deste modo, têm um maior conhecimento de suas convenções.

Swales (1990) defende que, uma vez que os membros de uma dada comunidade discursiva utilizam gêneros do discurso como mecanismos de intercomunicação, é necessário que se ative e desenvolva a capacidade de reconhecer em seus textos a organização retórica que os afilia a determinados gêneros do discurso, bem como os propósitos desse gênero em relação à comunidade discursiva com a qual constituíra um vínculo. Assim sendo, uma das condições essenciais para que um membro novato possa integrar e fazer parte de uma dada comunidade discursiva é, portanto, dominar razoavelmente os gêneros que ela detém, sendo capaz de manejar as convenções comunicativas e pragmáticas dessa comunidade.

A esse respeito, Bhatia (2004 p. 114) afirma que os membros experientes (ou experientes) de uma comunidade discursiva “identificam, constroem, interpretam, usam e exploram construções genéricas de uma maneira socialmente aceitável pelos demais membros da comunidade – os membros novatos ou aqueles menos experientes”. Destarte, mesmo que algumas variações possam ser encontradas nas convenções que orientam a organização de determinados gêneros do discurso que a comunidade elegeu para transitar informações, existem características que se mantêm relativamente estáveis propiciando certa *integridade ao gênero*, e permitem, aos membros da comunidade, reconhecerem os gêneros por meio dos quais a comunicação ocorrera. Essa *integridade genérica*, ainda conforme Bhatia (2004, p. 123), é percebida na medida em que os gêneros apresentam uma prototipicidade por estarem relacionados a uma “constelação de correlações de forma e função socialmente construída, representante de um construto de comunicação típico de um dado grupo profissional, acadêmico ou institucional”.

Se na abordagem sociorretórica, como sucinta Ivanič (1998), os gêneros são definidos por propósitos, papéis e relações sociais estabelecidos por determinado grupo social, para que um membro possa apropriar-se de um dado gênero do discurso é preciso que tenha conhecimento de como esse gênero funciona em sua comunidade discursiva. Em outros termos, necessário se faz conhecer os propósitos comunicativos que dão origem a esse gênero, as convenções e normas que ditam suas características retóricas e léxico-gramaticais, o nível de flexibilidade que essas normas e convenções podem apresentar e as relações sociais que são intermediadas por esse gênero. Assim, para um membro novato utilizar os gêneros do discurso mobilizados pelos membros experientes de uma comunidade discursiva é necessário dominar as especificidades de cada gênero, o que ocorre na medida em que este membro interage com a comunidade discursiva.

Portanto, os membros experientes (experientes) da comunidade discursiva tentam levar aos membros novatos (iniciantes) o conhecimento das tradições de sua comunidade, e fazer com que esses novos membros utilizem as práticas discursivas sancionadas e vistas como apropriadas. Conforme sugere Bhatia (2004), eles criam e alteram gêneros e imprimem nesses gêneros as ideologias, normas e convenções de seu grupo social. Por outro lado, os membros aprendizes (iniciantes) da comunidade tendem a utilizar os gêneros sancionados de forma tradicional, reproduzindo padrões linguísticos, retóricos,

discursivos e ideológicos. Logo, essa “reprodução” de gêneros parece funcionar como uma forma de ingresso na comunidade discursiva.

3. Produção de textos na academia

Na universidade, uma das principais instituições sociais onde o conhecimento é produzido e perpetuado, a produção e publicação de textos escritos com objetivos e fins específicos é uma prática bastante comum, independentemente do curso ou da área de conhecimento que se estuda. Assim que ingressam no universo acadêmico, por exemplo, os alunos são levados a produzirem uma diversidade de textos, desde simples resumos de livros até textos mais complexos, como a produção de artigos científicos ou mesmo um trabalho monográfico ao final do curso. Desse modo, seja para atender os requisitos de um componente curricular do curso (principalmente no caso de alunos de graduação de pós-graduação) ou para compartilhar o resultado de uma pesquisa com grande relevância social, os pesquisadores (iniciantes ou experientes) sentem a necessidade de escreverem uma variedade de textos³.

Entretanto, produzir textos acadêmico-científicos “que realizem de modo bem sucedido as características de determinado gênero” (HEMAIS & BIASI RODRIGUES, 2005, p. 108), exigência da própria academia, não tem se apresentado para muitos pesquisadores como uma atividade prontamente possível de ser realizada. Isso porque esses textos requerem do produtor conhecimento de diversas convenções inerentes a determinados gêneros acadêmicos: estrutura retórica, tipo de linguagem, modos ou formas de citação, dentre outros aspectos. As escolhas linguísticas e retóricas do autor de um texto acadêmico-científico, como o artigo, por exemplo, não podem ser aleatórias, porque elas associam-no a determinada corrente de pensamento.

Tal apontamento encontra respaldo nos dizeres de Ivanič (1998), quando aponta que as características do discurso acadêmico são definidas tanto pelos valores, interesses e práticas da comunidade acadêmica quanto pelas características de cada área de estudo, curso, disciplina e, mesmo, instituições de ensino aos quais os cursos estejam ligados. Nesse sentido, ainda conforme Ivanič (1998), o autor do artigo científico precisa, por exemplo, decidir qual o momento adequado do texto para se fazer uma citação e como fazê-la, porque por meio de suas citações e da forma como elas são construídas, ele explicita sua afiliação a valores e tradições de um determinado grupo social.

Norteando-se por essa linha de pensamento, Ivanič (1998) destaca que o discurso acadêmico é um espaço de conflitos entre ideologias diferentes, onde as relações de poder estão em constante tensão. Pesquisadores novatos (iniciantes, alunos de graduação ou pós-

³ Motta-Roth e Hendges (2010) destacam que, dentre outros fatores, a política de financiamento de bolsas que fomentam a pesquisa tem pressionado professores, alunos e demais pesquisadores universitários a produzirem textos de qualidade para serem publicados em periódicos especializados ou em livros, como forma de divulgação dos conhecimentos acadêmicos.

graduação), por exemplo, quando produzem textos na academia, se deparam, muitas vezes, com um sentimento de ambivalência em relação às convenções da escrita acadêmica: seguem-nas, não porque as aceitam enquanto tal, mas pela necessidade de ter seus textos aceitos pela academia e pelo professor de uma dada disciplina. Por isso, para esta autora, durante a escritura de um texto acadêmico-científico, os alunos angustiam-se frente a sentimentos de acomodação (não questionando determinados usos) e de resistência (preferindo contestar certas formas convencionais), procurando construir sua própria identidade, ao mesmo tempo em que busca pertencer à comunidade acadêmica, acatando suas convenções. O que parece não ocorrer quando se trata de escrita de pesquisadores experientes, porque eles não produzem textos para serem avaliados, mas para contribuir com a socialização do conhecimento produzido.

4. O artigo científico em foco

O artigo científico pode ser considerado como um gênero central no universo da academia. Pesquisas realizadas por autores brasileiros e estrangeiros apresentam o artigo científico como o gênero mais conceituado e usado atualmente na academia como meio de produção e divulgação de conhecimento especializado, funcionando como via de comunicação entre pesquisadores, profissionais, professores e alunos de graduação e pós-graduação (MOTTA-ROTH & HENDGES, 2010).

Na visão de Swales (2004), o artigo científico pode ser compreendido como um texto escrito (embora, frequentemente, contenha elementos não verbais, como gráficos, imagens, ilustrações), geralmente limitado a alguns milhares de palavras (dez mil, principalmente nos artigos publicados aqui no Brasil), que apresenta os resultados de alguma investigação realizada por um autor ou por autores. Além disso, o artigo científico (ou artigo acadêmico – na terminologia do autor), geralmente, relaciona as descobertas apresentadas pelo(s) autor(es) às dos outros pesquisadores de sua área de conhecimento e pode, também, expor questões teóricas ou metodológicas. Frequentemente, o artigo aparece em revistas acadêmicas ou editado em um livro composto de artigos selecionados. Na produção do artigo, é comum a prática de alusão ou citação de outras pesquisas que possam contribuir na apresentação e generalização dos resultados obtidos.

Conforme Motta-Roth e Hendges (2010, p. 66-67), há diferentes tipos de artigos científicos que são utilizados pelas diversas áreas do conhecimento. As autoras, a partir da proposta de Swales (2004), apresentam três tipos que comumente são produzidos nas universidades: i) *artigo de revisão teórica*: “consiste em um levantamento de toda literatura publicada sobre um tema em determinado período do tempo”; ii) *artigo experimental*: “relata um experimento montado para fins de testagem de determinadas hipóteses”; iii) *artigos empíricos*: “o autor ou autores (...) reportam a observação direta dos fenômenos conforme percebidos pela experiência”.

Estes tipos de artigos podem estar intrinsecamente relacionados aos tipos de pesquisas empregadas pelo autor ou pelos autores que os produziram. O artigo científico

de revisão teórica corresponde ao relato escrito de uma pesquisa bibliográfica ou documental. O artigo científico experimental, por sua vez, como o próprio nome indica, compreende o relato escrito de uma pesquisa experimental. Por último, o artigo científico empírico refere-se ao relato escrito de uma pesquisa empírica. Entretanto, acreditamos que esta classificação não é estanque e taxativa, o que significa dizer que esses tipos de artigos podem referir-se a outros tipos de pesquisas aqui não apresentadas. Não podemos também estabelecer uma relação estável entre os tipos de artigos científicos apresentados acima e as diversas áreas do conhecimento. Entretanto, algumas áreas privilegiam ou excluem o uso de determinado tipo de artigo. Segundo Swales (2004, p. 207), na astrofísica, por exemplo, é impensável a produção artigos experimentais, pois “não se pode fazer um experimento com uma estrela ou uma galáxia do mesmo modo como se pode realizar um experimento com um composto químico ou planta”. Isso ocorre porque os artigos científicos de astrofísica são produzidos a partir de afirmações lógicas e não de relatos de análise de dados.

Em relação à organização retórica, Swales e Feak (1994) afirmam que o artigo científico, de modo geral, apresenta as seguintes seções: Introdução, Métodos, Resultados, Discussão e Conclusão. Nesse modelo, há uma progressão das informações na passagem de uma seção para a outra. Na primeira sessão se situa o conhecimento já estabelecido na área e o que ainda falta descobrir sobre o problema investigado. Na segunda, se realiza uma descrição detalhada dos métodos empregados na realização da pesquisa e que dados foram obtidos durante sua execução. Na terceira sessão, os dados coletados são interpretados como evidências de um determinado fenômeno. Por fim, na última sessão, demonstra-se a relevância das análises realizadas e dos resultados obtidos para o conhecimento inicialmente descrito como estabelecido, reafirmando-o, questionando-o ou refutando-o. Portanto, a dinâmica de escritura de um artigo científico funciona da seguinte forma: o texto avança do conhecimento amplamente aceito na área para a geração de um novo conhecimento específico e deste de volta para a área.

5. A citação em textos acadêmico-científicos

Referir-se, direta ou indiretamente, a discursos ou a pesquisas outras (de determinada área do conhecimento) parece ser uma exigência na escritura de textos acadêmico-científicos, principalmente de gêneros como o artigo, porque a referência ao discurso alheio parece funcionar como um argumento de autoridade para sustentação do que está sendo dito. Mas não apenas. Conforme defende Ivanič (1998), o ato de citar outros autores e suas obras na escritura de um texto acadêmico-científico demonstra respeito pela autoridade já estabelecida, mas também está relacionado a uma série de valores e crenças defendidos pela comunidade acadêmica. Por exemplo, o fato de citarmos um autor ou uma obra em detrimento de outro(a) pode ser explicado por uma relação de pertencimento a uma comunidade discursiva acadêmica: citamos um certo autor ou sua obra porque julgamos ser estes importantes para a comunidade a que pertencemos e queremos que os membros dessa comunidade, nossos colegas, por sua vez, tenham conhecimento disto.

Nesse sentido, pesquisadores, sejam especialistas (expertos) ou mesmo iniciantes (novatos), dentre outros aspectos, fazem referência a discursos de outrem não apenas por uma mera requisição formal dos gêneros acadêmicos, mas para demonstrar que “são indivíduos que passaram por um processo de pesquisa e/ou reflexão e comunicação” (IVANIČ, 1998, p. 45) e, portanto, conseguem dialogar com o outro seja para corroborar ou para discordar de determinado ponto de vista apresentado no texto. Assim, como aponta Macedo (2006), um dos motivos para que sejam feitas citações em artigos acadêmicos é a própria necessidade do autor do texto demonstrar à sua comunidade científica que tem conhecimento de obras importantes em sua área de estudo. Dessa forma, conforme conclui Hyland (1999), a citação funciona como elemento mediador da relação entre os argumentos do pesquisador e a sua comunidade discursiva, sendo fator essencial para sua inserção nessa comunidade.

Quanto ao aspecto formal das citações, especificamente se tratando de textos acadêmico-científicos, Swales (1990) apresenta uma classificação em que distingue duas estruturas básicas, denominadas de citações integrais e citações não-integrais. A distinção entre ambas é meramente sintática e, portanto, facilmente perceptível. No primeiro caso, o nome do autor citado ocorre na oração citante, seja na posição de sujeito da oração, seja na posição não-sujeito. Na citação não-integral, por sua vez, o nome do autor citado não se materializa na oração citante, ou seja, a referência ao autor aparece entre parênteses ou através de sistema numérico que remete a notas. O uso de uma forma ou de outra destes tipos de citação, conforme apontam Swales (1990) e Hyland (1999) em seus estudos sobre gêneros acadêmicos, corresponde, geralmente, a uma decisão do escritor do texto citante para dar mais ênfase ao autor citado (citação integral) ou a mensagem citada (citação não-integral).

6. Análise dos dados

Como enfatizado na introdução desse trabalho, analisamos dez artigos científicos, sendo cinco deles produzidos por pesquisadores iniciantes (alunos de graduação) e cinco por pesquisadores especialistas (professores doutores), publicados em periódicos nacionais, procurando observar como esses sujeitos recorrem ao discurso do outro, ou seja, como citam outras fontes na tessitura dos seus textos. Inicialmente, apresentamos um olhar quantitativo sob os resultados encontrados nessa pesquisa, procurando perceber a recorrência de determinados tipos de citação. Em seguida, nos deteremos à análise de fragmentos mais específicos que representam ocorrências mais significativas. Assim, será possível realizarmos uma análise comparativa, na qual verificaremos se a condição do produtor como iniciante ou como especialista influencia no uso de certo tipo de citação.

Antes disso, ainda convém esclarecer, para uma melhor compreensão da análise empreendida nesse trabalho, os códigos utilizados tanto nos gráficos que se seguem quanto nos fragmentos que serão apresentados para ilustrar a recorrência das citações realizadas pelos pesquisadores iniciantes e especialistas: as letras maiúsculas AI e AE correspondem a artigos produzidos por pesquisadores iniciantes e artigos produzidos por

especialistas, respectivamente. O numeral que se segue refere-se à ordem do texto em nosso *corpus*.

6.1 Um olhar quantitativo sobre os dados

Conforme enfatizamos, no que diz respeito ao aspecto formal das citações, especificamente se tratando de textos acadêmico-científicos, Swales (1990) apresenta dois tipos recorrentemente mobilizados pelos autores: citação integral e citação não-integral. O gráfico abaixo apresenta a recorrência desses tipos de citação mobilizados por pesquisadores iniciantes e pesquisadores experientes nos artigos analisados:

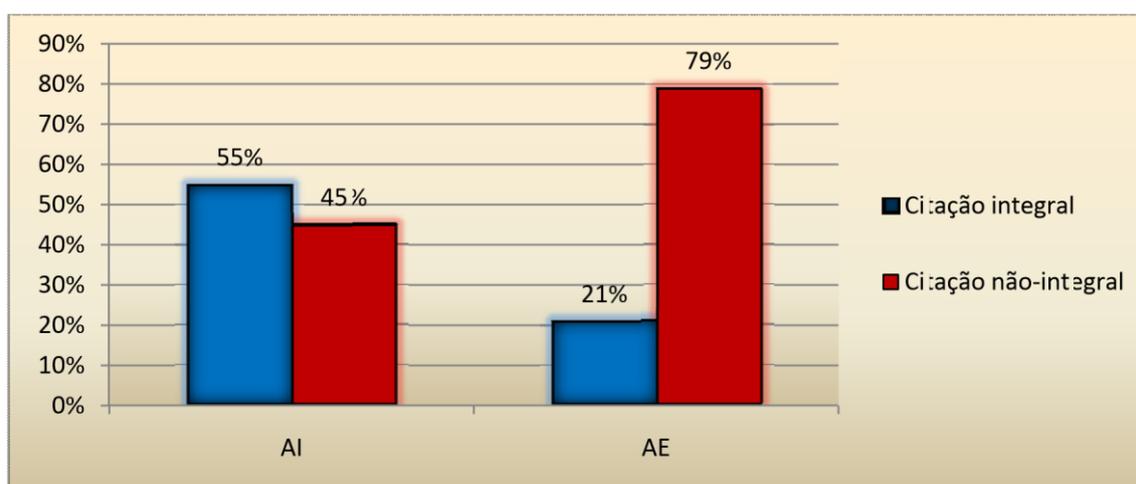


Gráfico 01: Tipos de citação conforme classificação de Swales (1990)

Como podemos perceber no gráfico, grande parte das citações mobilizadas por pesquisadores iniciantes nos artigos científicos analisados (55%) correspondem a citações integrais, aquelas em que o nome do autor citado ocorre na oração citante, seja na posição de sujeito da oração, seja na posição de não-sujeito. Nesse caso, prevalece o uso do discurso citado direto (aquele em que há reprodução *ipsis litteris* do discurso alheio) e da modalização em discurso segundo (quando o enunciador, além de reproduzir indiretamente o discurso alheio, pode comentar sua própria fala).

Nos artigos científicos produzidos por pesquisadores especialistas é mais recorrente o uso de citações não-integrais (79%), quando o nome do autor citado não se materializa na oração citante, ou seja, a referência ao autor aparece entre parênteses ou através de sistema numérico que remete a notas. Nesses artigos, predomina o uso da evocação (quando o enunciador não comenta o texto citado nem resume seu conteúdo, somente faz alusão a discurso de outrem), da ilhota textual (o enunciador citante isolou em itálico e entre aspas um fragmento que, ao mesmo tempo, menciona e cita) e do

discurso indireto (o enunciador faz uso de suas próprias palavras, remetendo a outro como fonte do ‘sentido’ dos propósitos que ele relata).

6.2 Um olhar qualitativo sobre os dados

Como se pode perceber no primeiro gráfico apresentado em sessão anterior deste trabalho, em relação à estrutura geral das citações presentes nos artigos analisados, percebemos que os autores (iniciantes e experientes) recorrem a citações integrais e citações não-integrais. A seguir, analisamos alguns casos específicos, procurando perceber as especificidades de cada um desses tipos de citação:

(i) Citação integral com o nome do autor citado na posição de sujeito da oração

Irene Machado afirma que para a concepção bakhtiniana “gêneros e discursos passam a ser focalizados como esferas do uso da linguagem verbal ou da comunicação fundada na palavra” (2010:152).

AI04

Bakhtin (2000) afirma ainda que todo discurso está também imediata e diretamente determinado pela resposta antecipada, uma vez que, ao se constituir na esfera do jádito, ele se orienta tanto para o espaço interdiscursivo como para o discurso-resposta que ainda não foi dito, mas foi solicitado a surgir, sendo já esperado.

AE03

Nos dois excertos acima, conforme anunciado, o nome do autor que está sendo citado assume a posição de sujeito da oração, quais sejam, no primeiro excerto, Irene Machado e, no segundo, Bakhtin. O conteúdo da citação, portanto, diz respeito a discursos pronunciados por esses sujeitos, como indicam, inclusive, o verbo *dicendi* (*afirma*) – também chamado de verbo de elocução ou verbo de relato – introdutório do discurso citado. O emprego desses recursos permite que os produtores dos artigos se isentem ou pelo menos se afastem da responsabilidade pelos dizeres, mesmo que, nestes casos, corroborem com o posicionamento defendido nas citações.

(ii) Citação integral com o nome do autor citado na posição de não-sujeito da oração

Lembrando o procedimento sugerido por Dolz, Noverraz e Schneuwly (2008), um trabalho com qualquer gênero deve dar-se num processo de elaboração e reelaboração textual, de modo que o aluno se aproprie do desenvolvimento do gênero em questão.

AI02

As três categorias do Descritivo – designação, definição e individuação – aqui retomadas, evidenciam o processo de hierarquização existente no Descritivo, tratados por Marquesi (2004) como condensação ou expansão e, no topo da estrutura hierárquica, explicitam a tematização do ser descrito, isto é, o recorte subjetivo que o descritor imprime na referência, selecionando dela apenas algumas unidades sêmicas que possam representar sua visão de mundo particular.

AE05

Esses dois excertos também correspondem a exemplos de citações integrais. Entretanto, diferentemente daqueles primeiros, nesses o sujeito da oração não corresponde ao nome do autor que está sendo citado, pois o foco do discurso citante está no conteúdo do discurso citado: *o procedimento sugerido por Dolz, Noverraz e Schneuwly*, no terceiro, e *as três categorias do Descritivo – designação, definição e individuação*, no quarto excerto. Portanto, a distinção principal entre esses dois tipos de citação integral está na localidade do nome do autor de certa citação, que pode estar no início da oração, assumindo a função de sujeito, ou em outro local da oração, assumindo outra posição ou função sintática.

É claro que a escolha da posição sintática do nome do autor citado não é aleatória, mesmo que, em alguns casos, não ocorra de maneira intencional. Na verdade, de acordo com o que propõe Hoffnagel (2009), a posição sintática do nome de um autor citado reflete uma escolha retórica que modera o destaque dado ao autor, ou seja, a citação que coloca o nome do autor citado na posição de sujeito da oração reforça ainda mais o reconhecimento do autor citado, enquanto a posição não-sujeito dá mais ênfase às ideias ou aos conceitos deste autor expostos na citação.

Em citações não-integrais, diferentemente dos casos apresentados acima, o nome do autor citado não se materializa na sintaxe da oração citante. Por isso, a referência ao autor aparece entre parênteses ou através de sistema numérico que remete a notas, como nos seguintes exemplos:

(iii) Citação não-integral com referência ao autor entre parêntese

Se toda tradução “falha” ao tentar reproduzir a totalidade de seu “original”, é exatamente porque não existe essa totalidade como uma presença plasmada no texto e imune à leitura e à mudança de contexto, mesmo dentro do que chamamos de uma “única” língua. (ARROJO, 1993: 75)

AI03

Os estudos que buscam descobrir os “detalhes identificadores” (GARFINKEL, 1981, apud DREW & HERITAGE, 1992) do discurso institucional diferem dos da teoria dos gêneros principalmente pela suposição básica da existência polarizada de um conjunto de discursos institucionais em oposição a um casual.

AE04

Nesses casos, como se pode perceber, o nome do autor da citação não está localizado na sintaxe da oração, mas fora e separada dela pelo uso dos parênteses. O recurso ao sistema autor-data (em alguns casos, como no excerto retirado do artigo do pesquisador iniciante apresentado acima, também se insere o número de páginas, já que se trata de citação em discurso citado direto) é prática comum em textos de pesquisadores da área de Letras, seja por ser indicação do periódico ou veículo onde se publica os artigos ou mesmo de manuais de metodologia do trabalho acadêmico (MARKONI & LAKATOS, 2005).

As possibilidades de uso desse recurso não são homogêneas. O produtor do texto pode, por exemplo, recorrer ao sistema autor-data entre parênteses após o emprego de uma citação em discurso citado direto, indicando precisamente a localização da citação no texto-fonte, como apresentado no primeiro excerto desta página, após uma citação de um discurso citado direto parafraseado, para indicar o autor e o ano em que a obra citada foi publicada, só para citar algumas possibilidades.

(iv) *Citação não-integral com referência ao autor através de sistema numérico que remete a notas*

Os conceitos de influência e de dependência, preconizados por comparatistas da tradição francesa positivista como Ferdinand Brunetière e Jean-Marie Carré, que chegam a reivindicar que todo estudo comparativo, com pretensão científica, deve partir de uma relação de influência ou de dependência⁷.

7.F. Brunetière (1890, 2000) e J.-M. Carré (1920); ver a esse propósito P. Zima (2000, p. 20).

AE02

Esse tipo de citação foi encontrado apenas nos artigos produzidos por especialistas. Apesar de, geralmente, as notas de rodapé serem utilizadas para apresentarem uma informação não central, mas relevante, do texto, nesse caso, elas são utilizadas para indicar o nome do autor e o ano de publicação da obra citada. No excerto acima, por exemplo, a nota faz referência às obras de Ferdinand Brunetière e JeanMarie Carré, que tratam sobre os conceitos de influência e dependência.

7. Considerações finais

As considerações aqui realizadas nos permitem perceber que a prática de citação em textos acadêmicos, mesmo sendo quase que obrigatória, não se constitui em uma atividade simples, porque exige por parte do autor, seja ele iniciante ou especialista, que realize certas escolhas retóricas. Ele precisa, por exemplo, escolher quando citar ou não citar, como inserir a porção citada em seu texto e como apresentar o autor do fragmento citado. Como se não bastasse, todas essas escolhas retóricas precisam e devem ser realizadas conforme as convenções de escrita de textos acadêmicos de cada área do conhecimento, pois, como defende Hyland (1999, p. 363), “o fato de que acadêmicos se engajam ativamente na construção do conhecimento como membros de grupos profissionais significa que suas decisões discursivas são ancoradas socialmente, influenciadas pelos padrões gerais de investigação e pelas estruturas de conhecimento de suas disciplinas”.

Pensando nisso é que temos investido em nosso grupo nas pesquisas sobre a citação em textos acadêmicos. Nesse trabalho, especificamente, buscamos observar que tipos de citação são mais recorrentes, conforme classificação de Swales (1990), em artigos científicos produzidos por alunos de graduação e pesquisadores doutores da área de Letras publicados em periódicos nacionais. De um modo geral, os resultados da nossa análise demonstraram que enquanto os pesquisadores iniciantes recorrem com mais frequência ao uso de citações integrais, os pesquisadores especialistas preferem citar o discurso alheio a partir de citações não-integrais. Esse resultado pode ser justificado pela posição assumida por cada um desses sujeitos (iniciante-especialista). Enquanto os primeiros tendem a reproduzir o discurso do outro, sem, algumas vezes fazer interferência no sentido, esses últimos não apenas citam, mas dizem de forma diferente, reformulam o dizer citado.

Possivelmente, esses alunos ainda adotarão posturas semelhantes aquelas dos especialistas, porque em uma comunidade discursiva, espera-se que os membros novatos

tendem a seguir as convenções estabelecidas pelos membros mais experientes⁴. De acordo com Swales (1990), não obedecer às convenções significa romper com tradições legitimadas e já estabelecidas como verdades pela comunidade. É possível quebrá-las, colocá-las em xeque, mas é preciso que antes o membro que as quebra seja reconhecido e respeitado em sua comunidade discursiva, caso contrário, é possível que não seja ouvido por seus pares.

Por isso, a universidade precisa investir seriamente na discussão sobre a escrita acadêmica, pensando possibilidades de trabalho que vão além de simples métodos e regras gerais, tal como têm sugerido alguns manuais de metodologia de texto acadêmico. Especificamente no que diz respeito à citação, como lembra Hoffnagel (2009), trata-se de uma atividade de suma importância na escrita científica, devendo ser incluída em qualquer programa de ensino da produção textual, porque o aluno que entende o papel cultural e linguístico da citação estará melhor preparado para escrever textos acadêmicos em sua área de estudo.

8. Referências

BESSA, J. C. R. Repensando a citação em textos acadêmico-científicos. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, n. 14/2, 2011, p. 421-439.

BHATIA, V. **Worlds of written discourse: a genre-based view**. London: Continuum. 286, D.E.L.T.A, 2004, p. 27.

HYLAND, K. Academic attribution: citation and the construction of disciplinary knowledge. **Applied Linguistics**, v. 20, n. 3, 1999, p. 341-367.

HEIMAS, B. & BIASI-RODRIGUES, B. A Proposta Sócio-retórica de John Swales para o Estudo dos Gêneros Textuais. *In*: MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Org.). **Gêneros: teorias, métodos e debates**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. p. 108-129.

HOFFNAGEL, J. C. A prática de citação em trabalhos acadêmicos. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**. v. 10, n. 01, 2009, p. 71-88.

_____. **Disciplinary discourses: social interactions in academic writing**. Singapore: Longman/Pearson Education, 2000.

⁴ Com isso não estamos querendo estabelecer uma relação hierárquica entre o uso de citações integrais e não-integrais. Essas são duas práticas possíveis na produção de textos acadêmicos, que são utilizadas a partir de escolhas retóricas do autor de cada texto. Mas, nos artigos analisados, as citações não integrais apresentaram-se como prática mais recorrente nos textos de doutores, enquanto citações integrais nos textos de alunos de graduação.

IVANIČ, R. **Writing and identity**: the discursal construction of identity in academic writing. Amsterdam: John Benjamins Publishin Company, 1998.

MACEDO, T. S. 2006. **A citação como recurso de afiliação acadêmica**. 211f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MARCONI, M. A. & LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Ed. Atlas, 1995.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. **Produção textual na universidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

SWALES, J. M. Citation analysis and discourse analysis. **Applied Linguistics**, v. 7, n. 1, 1986, p. 39-56.

_____. **Genre analysis**: English in academic and research settings. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

_____. & C. B. FEAK. **Academic writing for graduate students**: a course for nonnative speakers of English. USA: University of Michigan Press, 1994.

_____. **Research genres**: exploration and applications. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.